

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Carolina Schiesari

Paper 3 - Florianópolis, 03 de agosto de 2022

Aquarela da Psique: Um esboço

Muitos são os paralelos possíveis entre a Arte com Aquarela e a Psicologia Analítica e as ampliações imagéticas quase beiram o interminável. Assim sendo, neste paper tomaremos a liberdade de pincelar algumas reflexões rascunhadas acerca dessas duas áreas, com o desejo de que outras obras possam ser desdobradas desde esta aqui.

Para aprender a Arte da pintura em Aquarela é imprescindível estar suscetível às intempéries. Pintar com aquarela requer abertura para ser envolvido, circundado, cativado. Somos nós que devemos nos render às vontades dos pigmentos que se revelam em água. Tal qual travessura mercurial, quanto mais tentamos dominá-la, mas fugidia ela se torna. Sendo instintiva e arquetípica, a força hermética exige a arte da escuta: ela é criativa e entorpece. Ou seja, a aquarela demanda, ao mesmo tempo, desprendimento, espontaneidade, entrega, fruição. Quanto mais se tenta "consertar o erro", menos se consegue.

Todavia, a aquarela não é só descontrole, afinal, é uma técnica. Há muitos elementos nessa prática que podem - e devem - ser cuidados. Podemos concebê-la nos materiais, instrumentos, processos, tempos, ambientes. Cada escolha e combinação facilitará a possibilidade de alcançarmos efeitos específicos para aquilo que se quer expressar (ou que quer ser expresso). Sabendo, claramente, que olhar por tais aspectos não é garantia para se atingir o resultado almejado de antemão. Afinal, como diz Jung (1989) "O conhecimento não reside apenas na verdade, mas também no erro" (O. C. IV, §774). Ele nos traz ainda que "(...) por trás de todo método, está o homem, muito mais importante do que aquele, pois, independentemente de qualquer técnica, é ele que deve tomar as decisões humanas que para o paciente são

no mínimo de importância tão vital quanto a técnica empregada com sabedoria e competência". (O. C. X/3, §349)

Da mesma forma, o processo terapêutico assim se dá. Quantas vezes, nos deparamos com encharcados relatos de nossos pacientes, que borram suas cores, esvaindo-se. Conhecedores e/ou apreciadores da Arte da Psique, como nos propomos a ser, podemos oferecer(-nos) (como) um papel de alta gramatura, a fim de contingenciar tamanho fluxo.

Encarregar-se da água pigmentada de emoção pode ser feito de diversas maneiras. Um pincel pode ser bastante apropriado. A depender de seu formato, facilita uma ou outra intenção: cobrir uma grande área ou evidenciar algum detalhe. Outro recurso interessante é o uso de um lenço, que enxuga os excessos e abre espaço para o branco do papel, que é a representação maior da luz nessa Arte. A utilização do sal também pode ser oportuna quando se deseja um efeito mais especial, mas para tanto é necessário render-se a mais tempo. Paciência é um elemento imprescindível nessa prática, e ambas se alimentam uma à outra.

Podemos dizer que aquarelar é essencialmente a arte de manejar água. Para aqueles que se encontram em tempo áridos, pode ser bastante interessante cogitarmos de nos encarregar das vias úmidas, a fim de fertilizar tais campos. Trazendo o papel molhado, permitimos a diluição das duras tintas que por ventura vierem, gerando afluxos de encontros mais suaves entre cores e despertar de novas nuances e tonalidades. A transição entre claro e escuro se dá de forma mais fluida quando se tem menos controle. Caso seja necessário, a depender do propósito, pode-se também seccionar e/ou margear o papel com fita crepe: um limite que cola e não permite invasões indesejadas.

Uma peculiaridade da natureza desta Arte que vale muito a ser mencionada é que não se presta a definições. As formas não se dão por exatas, precisas, marcadas. São de outra ordem: sugeridas, suscitadas, instigadas. O que temos são meras nuances de formas que são mais ou menos reveladas a depender da relação que estabelecem com o fundo e com o tipo de borda que traz. A borda firme - explícita e descritiva - busca retratar com maior precisão os conteúdos dentro daqueles contornos. A borda suave se põe a brincar com insinuações e conjecturas do que seriam, trariam ou diriam tais delimitações. Por fim, a borda perdida, oculta, não revela forma alguma: dissolvida no fundo, traz um limite invisível, no qual objeto e superfície

se fundem pela sombra e deixa que autor e observador se avenham com sua imaginação.

Não seria possível continuar o registro fluido destas reflexões, como nos propomos, sem mencionar ainda sua correspondência com os contornos da Arte Alquímica. Como bem dizem muitos textos alquímicos, "a *opus* inteira é resumida pela frase: 'Dissolve e coagula' " (Edinger, p. 67). Aquarelando diluímos os pigmentos de acordo com a tonalidade e efeito que buscamos dar à obra simultaneamente à composição desta matéria específica e suas peculiaridades. Quanto maior a transparência e fusão que se busca, maior é também a quantidade de água a ser utilizada. Isso resulta num menor controle por parte do autor, maior autonomia da tinta aquosa e maior o tempo de espera à secagem. Pode ser que haja ainda a deformação do papel, caso não se utilize um suporte adequado àquela experimentação artística. Tal deformidade pode, eventualmente, ser considerada como a característica especial daquela obra/pintura.

Se pudéssemos transpor tal imagem à luz da Psicologia Analítica, dos processos da Psique, *diluir* poderia ser *fazer contato*, *deixar-nos ser afetados* pelo inconsciente e de algum modo, *permitir* (se é que o inconsciente é passível de permissões) que este transborde-se em expressão. Assim, também, enquanto psicoterapeutas, é importante estarmos atentos ao que seria possível à estrutura egóica do paciente suportar em um determinado momento, buscando não perder de vista, evidentemente, a ampliação de repertório interno deste para lidar com as situações do mundo. Isso pois, quanto maior a inundação do inconsciente, menor o controle do ego. Num processo psicoterapêutico, seguimos também a premissa *dissolve e coagula* enquanto caminhamos junto ao analisando. O olhar presente se faz igualmente imprescindível tanto quanto a visão teleológica.

A *diluição* também pode ser o processo de desmanche de algumas regras, modelos, crenças e estruturas que, de tão endurecidas, estejam dificultando ou até impedindo o indivíduo na sua adaptação frente aos desafios que se entepõem no seu caminho. De acordo com Edinger (1985), "Os aspectos fixos e estáticos da personalidade não admitem mudanças. Eles são estabelecidos e tem certeza de seu caráter justo. Para a transformação ocorrer, esse aspectos fixos devem primeiro ser dissolvidos ou reduzidos à *prima matéria*. Fazemos isso por meio do processo analítico, que examina os produtos do inconsciente e coloca em questão as atitudes estabelecidas do ego". (Edinger, p. 68)

O tempo de secagem, a coagulação, o contorno, o papel, o suporte que oferecemos e nos emprestamos ao paciente é também indispensável. Na prática analítica, coagular pode ser "quando o indivíduo assume responsabilidade pessoal por fantasias e ideias inconstantes mediante sua expressão diante do analista" (Edinger, p. 104). Todo conteúdo inconsciente que emerge deve ser cuidadosamente manuseado, pelo próprio paciente e, em especial pelo terapeuta, ao qual caberá ainda, mostrar-lhe e orientar-lhe como fazer isso, comprometido na elaboração de como fazer isso conjuntamente. "Uma abordagem ativa, sensível e participativa por parte do psicoterapeuta promove a *coagulatio*. Certos pacientes requerem essa abordagem e são ameaçados por tudo o que encorajar a *solutio*." (Edinger, p. 116)

Como lindamente nos diz Jung (1928):

A prática da medicina é, e sempre foi, uma arte, e o mesmo é verdadeiro para a prática da análise. A verdadeira arte é criação, e criação está para além de todas as teorias. É por isso que digo a qualquer iniciante: Conheça as teorias o melhor que puder, mas coloque-as de lado quando tocar o milagre de uma alma vivente. Não teorias, mas somente sua própria individualidade criativa deve decidir.

1

Outra tonalidade cromática desta pintura esboçada, ao qual nos propusemos aqui, seria conceber que "Lidar com material psíquico requer grande tato e uma sensibilidade quase artística" (O. C. X/3, § 359). Pintar é tão importante quanto apreciar uma obra. Aprendemos a pintar manuseando tintas e pincéis e também observando quem o faz e já o fez. Estudar técnicas e histórias nos traz arcabouço para experimentações mais seguras tanto quanto para nos lançar em voos expedicionários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ "Practical medicine is, and has always been an art, and the same is true of practical analysis. True art is creation, and creation is beyond all theories. That is why I say to any beginner: Learn your theories as well as you can, but put them aside when you touch the miracle of the living soul. Not theories, but your own creative individuality alone must decide." (JUNG, 1928, p. 361 in JACOBI, 1998). Este trecho foi consultado originalmente em inglês e teve tradução livre de Carolina Schiesari

EDINGER, Edward F. Anatomia da Psique - O Simbolismo Alquímico na Psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 1985

JACOBI, Jolande. C. G. Jung: Psychological Reflections: A new anthology of his writings 1905-1961. Routledge Taylor and Francis Group, London and New York, 1998. Em

<[https://books.google.com.br/books?id=P2bfBQAAQBAJ&lpg=PR1&dq=+C.G.Jung:
+Psychological+Reflections:+A+New+Anthology+of+His++Writings+-+1905-
1961.&hl=pt-](https://books.google.com.br/books?id=P2bfBQAAQBAJ&lpg=PR1&dq=+C.G.Jung:+Psychological+Reflections:+A+New+Anthology+of+His++Writings+-+1905-1961.&hl=pt-)

<BR&pg=PA370#v=onepage&q=Practical%20medicine%20is%2C%20and%20has%20always%20been%20an%20art%2C&f=false> > acesso em 08 de julho de 2022.

JUNG, Carl Gustav. Civilização em Transição OC 10/3. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. Freud e a Psicanálise OC 4. Petrópolis: Vozes, 1989.